

RAÇA E REPRESENTAÇÃO NO PENSAMENTO DE BELL HOOKS¹ **[RACE AND REPRESENTATION IN BELL HOOK'S THINKING]**

Petra BASTONE

Formada em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Mestre em Psicologia pelo Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei na área de Fundamentos teóricos e filosóficos da Psicologia. Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: petrastone93@gmail.com

RESUMO:

A população negra vive, até os dias atuais, uma constante luta em busca de representatividade, voz e protagonismo em uma sociedade racista, que alimenta estereótipos e preconceitos, os quais são capazes de atrasar e impedir a construção de um mundo antirracista. O presente trabalho tem como objetivo analisar, na obra *Olhares negros: raça e representação*, de bell hooks (2019a), o papel da representação na história do povo negro e a busca por serem protagonistas da própria história. A partir dessa obra são feitos alguns pontos de conexão com outras obras da autora e demais pensadoras do movimento feminista negro.

Palavras-chave: representação; raça; negritude.

ABSTRACT:

The black population lives, until today, a constant struggle for representation, voice and protagonism in a racist society, which feeds stereotypes and prejudices that can delay and prevent the construction of an anti-racist world. Therefore, it is necessary to analyze and emphasize the revolutionary act of exaltation of blackness and the constant questioning and denial of white supremacist ideals, which are mainly responsible for racism. This article aims to analyze, in the work *Black Looks: Race and Representation*, by bell Hooks, the role of representation in the history of the black people and the search for being protagonists of their own history. This specific and brilliant work allows connections with other works by the same author and also by other black feminist authors, who reinvented and rebuilt the feminist movement.

Keywords: representation; race; blackness.

¹ Trabalho apresentado no evento *A filosofia de bell hooks*, organizado pela ANPOF, em 25 de abril de 2022.



Introdução

A história de luta da população negra em busca por lugar e voz dentro de uma sociedade que a exclui, a silencia e a oprime é antiga. Ter a negritude como motivo de orgulho e poder é transgressor e só pode ser conquistada na medida em que as estruturas colonizadoras, patriarcais e racistas sejam transformadas, mudança que deve ser feita por negros e por não negros. Enquanto as estruturas sociais forem lideradas e motivadas por pensamentos supremacistas brancos, não havendo um questionamento e uma cobrança pelo posicionamento da branquitude, tudo permanecerá igual.

Em *Olhares negros*, bell hooks (2019a) investiga como as representações operam sobre o povo negro, minimizando, apagando e silenciando suas formas de existir. A autora faz uma análise brilhante da figura negra representada na literatura, na música, no cinema e nos meios que ocupa. Segundo bell hooks (2019a), é fundamental que, além de se questionarem os padrões e representações de imagens, busque-se modificá-las, uma vez que, à medida que essas representações são modificadas, o corpo negro consegue modificar a forma como se vê e como é visto. Com os ensaios presentes na obra, bell hooks (2019a) procura, também, apontar a população negra como agente da própria história, sendo protagonista e orgulhosa de sua negritude, o que vai contra o *status quo*. Nas palavras da autora:

Os ensaios críticos reunidos em *Olhares negros: raça e representação* são gestos de desobediência. Eles representam minha luta política para ampliar as fronteiras da imagem, encontrar palavras para expressar o que vejo, em especial quando observo formas que vão contra a corrente, quando estou vendo coisas que a maioria das pessoas simplesmente não quer acreditar que estão ali. Estes ensaios são sobre identidade. Uma vez que a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro (hooks, 2019a, p. 37).

Utilizando diversas personagens e figuras negras ao longo da história, bell hooks (2019a) mostra que, se a estrutura racista não muda, pessoas negras continuarão achando que apenas sendo brancas serão valorizadas, obterão sucesso e destaque, assim como Pécola do brilhante livro de Toni Morrison: *O olho mais azul*. Segundo hooks (2019a), o ideal supremacista branco cria, na imagem do negro, uma ideia de inferioridade junto com o desejo de dominar e controlar seus corpos e é, principalmente, o cinema, afirma a autora,



que determina como o corpo negro é visto. A autora pontua: “A militância é uma alternativa à loucura” (hooks, 2019a, p. 40). Através dela, é possível o questionamento desses padrões de imagens, que levaram Pécola à perda da consciência: “Como Pécola, no romance *O olho mais azul*, de Toni Morrison, as pessoas negras se afastam da realidade porque a consciência é dolorosa demais. No entanto, só nos tornamos mais conscientes quando começamos a ver com clareza” (hooks, 2019a, p. 40).

Tendo em vista o cenário colocado pela autora, amar a negritude é um ato revolucionário. É um projeto colonial e imperialista o auto-ódio do povo negro, essa constante busca para se igualar ao padrão branco de beleza e existência:

Muitas pessoas negras nos veem como se ‘faltasse algo’, como se fôssemos inferiores quando comparados aos brancos. É impressionante a escassez de trabalhos acadêmicos contemplando a questão do auto-ódio dos negros, examinando as formas como a colonização e a exploração de pessoas negras é reforçada pelo ódio racial internalizado via pensamento supremacista branco. Poucos acadêmicos negros abordam extensivamente a obsessão negra com a branquitude (hooks, 2019a, p. 48).



A representação da mulher negra e sua busca por subjetividade

‘Raça’ não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da ‘raça’. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero, e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de ‘raça’ e na experiência do racismo (KILOMBA, 2019, p. 94).

A mulher negra foi representada, durante muito tempo, como promíscua e hipersexualizada. No período da escravidão, era usada como prostituta e, muitas vezes, era obrigada a se relacionar com filhos dos senhores como arma para os manter em casa. bell hooks (2019b) já havia tratado sobre a condição da mulher negra em sua obra *E eu não sou uma mulher?* Ao mesmo tempo em que era vista como promíscua e sexual, a mulher negra, também, era tratada como sub-humana. Durante a escravidão, ela não era poupada de trabalhos pesadas nem quando estava grávida ou amamentando e recebia os mesmos trabalhos e os mesmos castigos que o homem, não sendo poupada de serviço algum. Porém, como aponta a autora, a exploração sexual superava a exploração no trabalho:

A exploração racista de mulheres negras como trabalhadoras, tanto no campo quanto no ambiente doméstico, não era tão desumana e desmoralizante quanto a

exploração sexual. [...] A mulher escravizada vivia sempre atenta a sua vulnerabilidade sexual e em permanente medo de que qualquer homem, fosse ele branco ou negro, pudesse escolhê-la para assediá-la ou vitimizá-la (hooks, 2019b, p. 51).

Ao mesmo tempo, mulheres negras foram líderes de resistências durante a escravidão e fora dela. Vítimas de maior opressão do que as mulheres brancas, a luta pelo sufrágio da mulher excluía a luta das mulheres negras por humanização.

As mulheres negras do século XIX eram mais conscientes da opressão sexista do que qualquer outro grupo de mulheres na sociedade estadunidense jamais foi. Elas não somente eram o grupo de mulheres mais vitimizadas pela discriminação e opressão sexistas, como também eram tão sem poder que sua resistência raramente tomava forma de ação coletiva organizada (hooks, 2019b, p. 254-255).

A busca por representatividade dentro do movimento feminista fez com que mulheres negras buscassem um movimento capaz de dar conta de suas demandas e que as representasse com suas devidas singularidades. É fundamental que a representação da figura da mulher negra seja plural e que raça, gênero e classe sejam abordados dentro do movimento feminista negro. À medida que as mulheres negras ganham voz, suas representações podem ser diversas e autodefinidas. Em seu texto sobre a autodefinição, Patrícia Hill Collins (p. 198) afirma que, a importância do poder da autodefinição da mulher negra é fundamental para que todas as imagens que as controlam, sejam substituídas por conhecimentos de si autodefinidos:

Ao contrário das imagens de controle desenvolvidas para as mulheres brancas de classe média, as imagens de controle aplicadas às mulheres negras são tão uniformemente negativas que quase exigem resistência. Para as mulheres negras estadunidenses, o conhecimento construído do “eu” emerge da luta para substituir as imagens de controle pelo conhecimento autodefinido, considerado pessoalmente importante, um conhecimento muitas vezes essencial para a sobrevivência das mulheres negras. (p. 198)

Angela Davis é utilizada pela autora para demonstrar o quão selvagem e perigoso pode parecer uma mulher negra que busca por sua subjetividade radical. Segundo hooks (2019a), essa subjetividade radical é vista como selvageria e é evitada, também, por mulheres dentro do movimento negro. Impressiona que a busca por subjetividade dessas mulheres parece chegar a um ponto que não se pode avançar. Para o desenvolvimento dessa subjetividade radical, é necessária uma pedagogia crítica, um compartilhamento de informações e um conhecimento entre as mulheres negras. Essa aliança entre as mulheres



negras em comunidade ou familiar foi muito bem observada e conectada nos textos de Patrícia Hill Collins (2019) com a busca pela autodefinição da mulher negra:

Tradicionalmente, as mulheres negras estadunidenses buscaram construir vozes individuais e coletivas em ao menos três espaços seguros. Um deles envolve as relações das mulheres negras umas com as outras. Em alguns casos, como amizades e interações familiares, essas relações são negociações informais e privadas entre indivíduos. Em outros, como ocorreu durante a escravidão, nas igrejas negras ou nas associações de mulheres negras, vínculos organizacionais mais formais deram estímulo às comunidades de mulheres negras. Como mães, filhas, irmãos e amigas, muitas afro-americanas se apoiam mutuamente. A relação mãe/filha é fundamental entre as mulheres negras. Inúmeras mães negras empoderaram as filhas transmitindo-lhes o conhecimento cotidiano essencial para sua sobrevivência como mulheres afro-americanas. Filhas negras identificam a profunda influência que as mães tiveram em suas vidas. (p. 200)

Para bell hooks (2019a), ressignificar e dar uma nova representação para a sexualidade da mulher negra é, também, uma forma de declarar uma subjetividade poderosa e radical. Quando a mulher coloca seus desejos e seu prazer no centro de suas preocupações, ela vai contra uma tradição, que coloca na mão do homem o poder de definir e afirmar a sua sexualidade. Faço, aqui, uma citação feita pela própria bell hooks (2019a, p. 154) em sua obra, retirada de *O poder da imagem: ensaios sobre representação e sexualidade*, de Annette Kuhn (1985):

Para desafiar representações dominantes, é necessário antes de tudo compreender como elas funcionam, para então procurar os pontos de possíveis transformações produtivas. Desse entendimento brotam várias políticas e práticas de produção cultural de resistência, entre as quais estão as intervenções feministas [...] há uma outra justificativa para uma análise feminista das imagens dominantes das mulheres: não poderiam elas nos ensinar a reconhecer inconsistências e contradições dentro das tradições dominantes de representação, a identificar os pontos de partida para nossas intervenções – rachaduras e fissuras através das quais é possível capturar vislumbres do que seria possível em outras circunstâncias, visões de ‘um mundo fora da ordem que não é visto nem pensado normalmente?’

Na passagem, a autora enfatiza a urgência da necessidade de transformar as estruturas dominantes responsáveis pelas representações. De acordo com Kuhn, é fundamental perceber que, para mudar uma estrutura dominante, é preciso compreender e analisar como elas operam. Sendo assim, é essencial que a análise feminista encontre, dentro da análise dessas representações dominantes, fraturas que permitam possíveis questionamentos e intervenções capazes de mudá-las.





Olhares negros e a representação negra na mídia

O poder da supremacia branca estava até mesmo no controle do olhar do povo negro. bell hooks (2019a, p. 217) lembra que, quando pequena, aprendeu a desviar o olhar de pessoas brancas e ver como um olhar pode ser perigoso: “O olhar tem sido e permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado”. Ao ganhar o poder do próprio olhar, a população negra reagiu à mídia de massa e criou o cinema negro.

Ao ter acesso à televisão, a população negra conseguiu, criticamente, acompanhar os progressos políticos e lutar por eles. O cinema negro surgiu da necessidade e urgência de mudar os estereótipos racistas de pessoas negras representados em filmes feitos por brancos e regidos pela supremacia branca. Os espectadores negros se incomodavam com o fato de não haver preocupação com as questões de raça e pelo fato de a população negra ainda ser representada como sendo de domínio dos brancos. A autora recorda a época em que homens negros eram linchados apenas por olharem mulheres brancas; linchamentos em série e injustos. Ao ocupar a produção midiática, o povo negro conseguiu esquecer esse olhar que um dia fora reprimido.

Porém, essa revolução no cinema, ainda, não incluía as vozes das mulheres negras. Havia um contexto cinematográfico, que negava o corpo da mulher negra, e as mulheres, que despertavam o desejo, eram as mulheres brancas. Ou seja, é impossível pensar raça sem pensar gênero. A maioria das mulheres não se sentia representada por figuras que não eram genuínas e, ainda sim, estereotipadas. Segundo bell hooks (2019a, p. 221): “Mesmo quando a representação das mulheres negras está presente nos filmes, nossos corpos e seres estão lá para servir – aprimorar e manter as mulheres brancas como objeto do olhar falocêntrico”.

Essa representação das mulheres negras ofendia algumas enquanto outras se subordinavam e eram cúmplices, rendendo-se ao mundo mágico do cinema. Muitas iam ao cinema, mas sabiam que não podiam refletir e pensar com mais profundidade sobre os temas e sobre como elas eram representadas. Conforme bell hooks (2019a, p. 15), a imagem da mulher negra no cinema, ainda, é majoritariamente representada como subalterna e sexualmente dominada pelo homem branco: “Há poucos filmes e programas

de televisão que tentam desafiar as crenças de que relacionamentos sexuais entre mulheres negras e homens brancos não se baseiam apenas em relação de poder que espelham o paradigma do senhor/escrava”.

A crítica feminista dominante (com um viés psicanalítico e a-histórico), aponta bell hooks (2019a), ignora o marcador de raça quando faz críticas à imagem de feminilidade branca, que é representada nos cinemas e apaga outras formas de feminilidade, como a feminilidade negra. Ao universalizar a categoria “mulher”, o movimento feminista exclui, ignora e silencia as pautas e as especificidades das demais mulheres. Isso, como já observado, levou as mulheres negras a clamarem por um movimento que as representassem. No cinema, não foi diferente. Ao reivindicarem a imagem da mulher não só enquanto objeto, como era apresentado, as críticas feministas defendiam uma categoria única de mulher. Enquanto isso, mulheres negras eram representadas como subalternas, estereotipadas e excluídas tanto das telas quanto dos espaços críticos e culturais. A mulher branca era o objeto de desejo no cinema tanto em filmes produzidos por brancos quanto por negros.

É notório, coloca a autora, que as críticas feministas que reproduzem uma agenda generalizante se identificam com os produtores cinematográficos dominantes à medida que silenciam o tema da negritude e não problematizam a imagem da mulher negra representada nas telas. Sendo assim, não surpreendem o silêncio e o desinteresse das mulheres negras em se expressarem criticamente sobre o que viam nas telas de cinema e da televisão. Para bell hooks (2019a, p. 231), esse silenciamento se encontra no próprio cerne do movimento feminista: “Como a crítica de cinema feminista foi enraizada inicialmente num movimento de libertação de mulheres influenciado por práticas racistas, isso não abriu terreno discursivo para torná-la mais inclusiva”.

Ao tornarem o espaço cinematográfico um lugar seguro para mulheres negras, elas passam a ser, além de espectadoras, agentes críticas e que transformam a indústria midiática. Além disso, passam a ser, também, representadas de forma digna e fiel e conseguem ver, nas telas, as mais diferentes formas de ser uma mulher negra. Para bell hooks (2019a, p. 240):

Essa prática crítica que permite a produção de uma teoria feminista do cinema que teorize a experiência da espectadora negra. Ao olharmos e nos vemos, nós, mulheres negras, nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos



nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro.

A representação do homem negro, também, é prejudicada e desumanizada graças ao racismo e ao ideal de masculinidade patriarcal, predominantemente branco. As obras, que tratam das representações dos homens negros, os representam como fracassados e preguiçosos, mas ao mesmo tempo violentos e maníacos sexuais. Faz-se necessária uma volta ao passado para lembrar que, durante muito tempo, permeava o mito do estuprador negro, o que levou ao linchamento e assassinato de vários homens injustamente e foi, por muito tempo, a maior arma do racismo. Essa imagem prejudicava não só a luta dos homens negros, mas também de suas companheiras. O mito do homem negro estuprador andava junto com o mito da mulher negra como promíscua e hipersexualizada, como assevera Angela Davis (2016, p. 186):

A imagem fictícia do homem negro como estuprador sempre fortaleceu sua companheira inseparável: a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua. Uma vez aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animais, toda a raça é investida de bestialidade.



Outra representação do homem negro, que permeou por muito tempo e que bell hooks (2019b) analisa em *E eu não sou uma mulher?*, era a ideia de que eles se sentiam emasculados por suas mulheres, que trabalhavam fora de casa. Isso porque, logo após a alforria, homens negros não possuíam as mesmas oportunidades de trabalho que as mulheres, que podiam ser contratadas para o serviço doméstico. As mulheres negras, que absorviam os ideais do patriarcado, acreditavam que os homens deveriam ser os provedores das casas; disso, derivavam a revolta e a negação por parte delas. A imagem do homem negro como vagabundo e preguiçoso é uma maneira de o racismo apagar anos de importância de seu trabalho e, mais tarde, fazer disso uma desculpa para não lhe fornecer empregos. bell hooks (2019b, p. 154) analisa esse momento e afirma:

A ideia de que homens negros se sentiam emasculados porque mulheres negras trabalhavam fora de casa é baseada no pressuposto de que homens descobrem a própria identidade através do trabalho e se sentem realizados pessoalmente quando são o chefe da família.

A absorção das representações de masculinidade negra foi grande e perpetuou muitos mitos e estereótipos, que não foram negados e questionados. Como assegura a

autora, personalidades negras, como Frederick Douglas, viam a liberdade almejada como uma forma de ocuparem o papel do patriarca: “A imagem da masculinidade negra que emerge das narrativas da escravidão é a de um homem trabalhador que queria assumir completamente a responsabilidade patriarcal com sua família e seus descendentes” (hooks, 2019b, p. 176).

Entretanto, os estereótipos de gênero não eram os mesmos para a população negra. Eles eram muitos mais complexos. Ao que os homens negros aspiravam, o papel do patriarca, era algo que oprimia tanto as mulheres negras quanto a eles mesmos, pois esse papel era um ideal supremacista branco da masculinidade, no qual homens negros não eram bem-vindos. O homem negro, no patriarcado capitalista, era visto como um andarilho, um fracassado, que almejava conquistar o papel do homem branco na sociedade.

Para o homem negro e sua representação, tudo mudou com a ascensão do movimento *Black Power* nos Estados Unidos, salienta hooks. (2019a) Os homens negros passaram a desdenhar da posição do homem branco na medida em que criaram uma estrutura em que eles mesmos poderiam se afirmar patriarcas. Desse modo, a masculinidade falocêntrica era exaltada no movimento. Porém, o movimento era sexista e não exaltava as mulheres negras da mesma forma que desejava a ascensão dos homens negros. Sendo assim, qualquer movimento feminista encorajado por mulheres negras era visto como traição à raça. Todavia, como bem salienta bell hooks (2019a), a população negra como um todo é prejudicada pelo patriarcado branco capitalista. Sem a união de ambos lados, é impossível uma libertação e transformação da sociedade:

Enquanto pessoas negras se agarrarem tolamente à premissa perigosa de que é do interesse da libertação negra apoiar o machismo e a dominação masculina, todos os nossos esforços para descolonizar nossas mentes e transformar a sociedade vão ruir. [...] Tragicamente, o conflito de gênero entre mulheres e homens negros, danoso para ambas as partes, fortalece o patriarcado supremacista branco capitalista (hooks, 2019a, p. 195).

Em uma maravilhosa análise que faz da cantora Madonna, bell hooks (2019a) deixa claro que, nos cliques da cantora, ela enaltece e fortalece essa figura do povo negro como hipersexualizado. As mulheres negras não se sentem representadas e nem afirmam que a cantora seja uma “irmã de alma”. A cantora se utiliza da cultura negra apenas para reforçar estereótipos e usá-los a seu favor, expressando o seu racismo internalizado. A inveja da cultura negra que Madonna diz sentir só serve para prejudicar a representação da



população negra. Nas palavras da autora: “Fascinada e ao mesmo tempo invejosa do estilo negro, Madona se apropria da cultura negra de formas que a ridicularizam e enfraquecem, fazendo com que sua apresentação se sobressaia (hooks, 2019a, p. 287).

Ou seja, alguém do nível de alcance mundial como Madonna poderia ser uma agregadora para o movimento antirracista e usar seu espaço para desconstruir e derrubar estereótipos e ideias de supremacia branca. Ao invés disso, ela os reforça e, muitas vezes, sequer utiliza algo que seja capaz de disfarçar. A inveja de Madonna é um privilégio branco, relata bell hooks (2019a); esse privilégio de conseguir ver apenas a cultura criada pelo povo negro e desejar ser como eles. A cantora é uma constante contradição, pontua bell hooks (2019a, p. 284): “Ela zomba do ideal de beleza convencional racista ao mesmo tempo que se esforça para incorporá-lo”. Ao reforçar ideais racistas, a cantora reforça uma ideologia de dominação do povo branco e de subalternidade do povo negro em troca de sucesso, fama e dinheiro.

Considerações finais

Com *Olhares negros*, bell hooks (2019a) convoca a olhar as representações negras mencionadas munidos de questionamentos e problematizações, que são fundamentais para que seja possível pensar em um mundo antirracista. À medida que a população negra não se vê representada, mas, pelo contrário, se vê silenciada, ainda se tem um longo caminho a percorrer.

Pensando a partir do pensamento de bell hooks, é possível afirmar que o sistema supremacista branco, enquanto um sistema que estabelece a existência de um povo dominado e outro dominador, é prejudicial para todos. Mulheres negras lutam para que os estereótipos racistas e machistas sobre seus corpos sejam mudados, para que elas possam ter controle do próprio corpo e para que o domínio do olhar do outro não seja algo que atrase suas conquistas. Enquanto isso, homens negros tentam reafirmar sua masculinidade em uma sociedade em que a masculinidade aceita é aquela do homem branco; com isso, são subjugados e prejudicados. Ambos buscam por uma transformação da sociedade, que seja capaz de lhes dar espaço e que o genocídio de seu povo não continue sendo uma realidade.

A obra *Olhares negros*, de bell hooks (2019a), é um chamado para problematizar, questionar e negar os ideais de supremacia branca dominantes, estando eles presentes



em livros, filmes ou músicas. A autora conduz para reflexões fundamentais acerca da importância da exaltação da negritude, sobre a luta pela construção da subjetividade da mulher negra após anos de silenciamento, a respeito de como os ideais de supremacia branca agem sobre a mente das pessoas negras e como o auto-ódio é um problema alimentado por eles.

Olhares negros é uma obra crucial para pensar e refletir sobre produtos, que são consumidos e, muitas vezes, são carregados de racismo e representações supremacistas. A autora faz refletir sobre cantoras, produtoras, escritoras, mas, automaticamente, obriga a uma autorreflexão à medida que se consome grande parte das obras mencionadas e, muitas vezes, não se reflete nem se buscam opções a elas.

Referências

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

COLLINS, P. H. O poder da autodefinição. In: COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

hooks, b. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, b. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Tradução Bhuvli Libanio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019b.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.



BASTONE, Petra. RAÇA E REPRESENTAÇÃO NO PENSAMENTO DE BELL HOOKS. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22012, p. 01-12.

Recebido: 04/2022
Aprovado: 05/2022

